

ARTIGO 3

O PROCESSO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO DA LINGUAGEM

DANIELE BERTOLLO

MARGARETE APARECIDA NATH BRAGA

PAULO CESAR FACHIN

O PROCESSO ENUNCIATIVO-DISCURSIVO DA LINGUAGEM

Daniele Bertollo¹

Margarete Aparecida Nath Braga²

Paulo Cesar Fachin³

RESUMO:

Muitas são as possibilidades teórico-metodológicas de abordagem para o trabalho científico com a linguagem, no entanto, propomo-nos aqui a dialogar com a perspectiva sociológica. Nesse trabalho, faremos uma reflexão exploratória sobre a concepção de enunciado, com base nos postulados do Círculo de Bakhtin. Buscamos, desta forma, mostrar que o enunciado pode ser compreendido dentro de um enquadramento sociológico que propõe os interlocutores e o contexto histórico-social como elementos essenciais quando se investiga a linguagem. A leitura analítico-interpretativa aqui apresentada é parte constitutiva da *Tese*, portanto, um recorte de uma pesquisa maior que está em desenvolvimento, intitulada *Gênero discursivo manifesto: uma análise na perspectiva do método sociológico de Mikhail Bakhtin*. Adotamos como referencial teórico pesquisas e publicações do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011[1992] e Volóchinov (2021[1895-1936])), e outros teóricos que exploram direta ou indiretamente a perspectiva sociológica da linguagem, tais como: Brait e Melo (2005), Rodrigues (2005), Fiorin (2008). Referências estas que auxiliam na compreensão da concepção de linguagem aqui proposta – como fenômeno ideológico, político, histórico e social. Portanto, a análise ora proposta constrói-se essencialmente por meio de revisão bibliográfica e busca colaborar para a compreensão da linguagem em toda sua flexibilidade intrínseca aos elementos contextuais e seu imbricamento na construção do enunciado.

PALAVRAS-CHAVE:

Enunciado. Linguagem. Método Sociológico.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, danixbertollo@gmail.com.

² Pós-doutorado (em andamento) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste e Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG, margaretenath@fag.edu.br.

³ Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Professor de língua espanhola do IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina, paulo.fachin@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo desenvolve uma reflexão exploratória sobre processo enunciativo-discursivo, com base nos postulados do Círculo de Bakhtin⁴, que apresentam os conceitos de enunciado, enunciação, gêneros discursivos, elementos axiológicos – os quais serão discutidos no decorrer desse trabalho. Buscamos, desta forma, mostrar como o enunciado pode ser compreendido dentro de um enquadramento sociológico da linguagem. A leitura analítico-interpretativa aqui apresentada é parte constitutiva da *Tese*, que está em desenvolvimento, intitulada *Gênero discursivo manifesto: uma análise na perspectiva do método sociológico de Mikhail Bakhtin*. Esse estudo parte da premissa de que o ensino da língua portuguesa, de modo geral, seja na educação básica ou no ensino superior, ainda não tem sido compreendido em toda a sua dimensão socioideológica, como pondera Bakhtin em seu amplo aporte teórico acerca da linguagem.

A relevância desta pesquisa está no fato de que contribuirá para que graduandos, pós-graduandos e docentes da área de linguagem possam (re)pensar, não apenas o ensino da língua portuguesa, como também o uso da linguagem de modo geral, em todas as dimensões sociais. Os conceitos de enunciado e de enunciação, cunhados pelo grande mestre russo, apontam para o enunciado como um elemento único, irrepetível no processo de aquisição da linguagem.

A pesquisa a ser utilizada será de caráter exploratório e investigativo, alicerçada em referencial bibliográfico, constituindo-se, portanto, em uma pesquisa qualitativa e interpretativista. Destacamos que este estudo não pretende exaurir as possibilidades analítico-interpretativas dos postulados bakhtinianos referentes ao enunciado, mas apresentar o resultado de nossa leitura, enquanto produto ideológico, no que se refere ao seu entendimento. Para isso, organizamos o artigo em três sessões, sendo primeiramente esta introdução, (2) *a plasticidade epistemológica do termo enunciado*, (3) *a perspectiva bakhtiniana* e, por fim, tecemos as considerações finais.

⁴ A expressão Círculo de Bakhtin refere-se a um grupo de linguistas russos estudiosos da linguagem, partilhando de interesses comuns sobre a língua numa perspectiva dialógica, como um fenômeno ideológico por excelência. Volóchinov é um dos autores que faz parte desse círculo de modo a confundir-se muitos ditos como sendo de um ou de outro. Dentre os participantes do círculo estão Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev.

2 A PLASTICIDADE EPISTEMOLÓGICA DO TERMO ENUNCIADO

Ao refletirmos sobre os postulados do Círculo de Bakhtin, observamos que poderia ser conflituoso conceituarmos de forma cartográfica alguns termos que são comumente explorados nos estudos da linguagem, com base sociológica. Um exemplo claro sobre esta questão é o uso dos termos *enunciado*, *enunciado concreto* e *enunciação*, pois, estes termos constroem seus sentidos justamente na articulação com outros termos do texto, mesclando-se a outras categorias, noções e conceitos (Brait; Melo, 2005). Ou seja, dentro do pensamento bakhtiniano, embora tenhamos uma determinada percepção sobre eles, é na comunicação efetiva que os significados são construídos.

Brait e Melo (2005) apontam, inclusive, que é próprio do pensamento bakhtiniano a concepção de *enunciado/enunciação* não estar arrematada em uma determinada obra ou texto “o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções também paulatinamente construídas” (Brait e Melo, 2005, p. 65).

Rodrigues (2005) e Brait e Melo (2005) sublinham a necessidade de se considerar a especificidade da conceituação de enunciado no âmbito do Círculo de Bakhtin, que diverge da aceção empregada em outras áreas científicas, assim como acontece na linguística textual e na semântica argumentativa. Como exemplo, Rodrigues (2005, p. 157) discorre que, na linguística textual, “o termo enunciado aparece com frequência na definição da textualidade ou do texto, definido como uma sequência coerente de enunciados”, em que aparecem de forma intercambiável *sequência de enunciados* por *sequência de frases*.

Rodrigues (2005, p. 157) também destaca a premissa da semântica argumentativa que distingue frase de enunciado, como sendo a primeira uma entidade linguística abstrata do domínio da gramática, que ocorre diversamente, sempre de forma idêntica a si mesma, reiterável, já o enunciado é visto como um evento único, “produzido pelo locutor ao ter escolhido empregar uma frase”. Em outras palavras, a semântica argumentativa estabelece uma distinção ao conceituar a frase como 'unidade da língua' e o enunciado como 'manifestação concreta da frase', resultante da interação entre a frase e o contexto de enunciação (Rodrigues, 2005). No entanto,

ambas as noções, frase e enunciado, são consideradas elementos internos ao texto, apresentando similaridades nesse aspecto.

Sem a intenção de contrapor teorias, Brait e Melo (2005) também ressaltam que há diferenças significativas entre esses termos a depender da teoria pelos quais são abordados, no que se refere a concepção e enfrentamento da linguagem. Assim, as autoras observam que não há consenso de definição, contudo, ainda que, na evolução dos estudos da linguagem, os sentidos variem de acordo com as teorias, a coerência se mantém no interior de cada uma.

Brait e Melo (2005, p. 63) exemplificam a diversidade do uso do termo *enunciado* ao apontar que ele pode significar o mesmo que *frase (ou sequências frasais)*, “unidade entendida como modelo, como uma sequência de palavras organizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada ‘fora de contexto’”, o que se opõe às perspectivas mais pragmáticas que entendem o enunciado como unidade de significado contextualizada.

Também nesse sentido, Fiorin (2008) estabelece uma distinção ao afirmar que os sons, as palavras e as orações são unidades da língua e que os enunciados são as unidades reais de comunicação. Com isso, Fiorin (2008) resalta a importância do estudo das unidades da língua, reconhecendo que, embora não expliquem integralmente o funcionamento real da linguagem, possuem relevância teórica e prática.

Concebe-se, portanto, que sob o ponto de vista sociológico, *enunciado* é usado em uma perspectiva opositiva à frase, como unidade de comunicação sócio-historicamente localizada, isto é, torna-se necessário seu caráter extralinguístico⁵. Brait e Melo (2005) esclarecem que “uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses [enunciados] são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganha sentido diferente nessas diferentes realizações “enunciativas” (Brait; Melo, 2005, p. 63). Embora outras bases epistemológicas possam assumir perspectivas diferentes, a pesquisa de base sociológica não pode seguir outro enfoque paradigmático que não seja o do Círculo de Bakhtin, sobre o qual tratamos na próxima seção.

⁵ O termo extralinguístico compreendido sob a perspectiva bakhtiniana, refere-se a todos os elementos que estão fora da materialidade linguística, mas que significam nela, como os aspectos sociais, históricos, culturais, ideológicos que permeiam todo dizer. O enunciado, por assim se dizer, está sempre repleto do sujeito e daquilo que ele carrega, o seu contexto e as condições para que aquilo tenha sido dito.

3 O ENUNCIADO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Efetivamente, para Bakhtin (2011[1992], p. 274), a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado e “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre será fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Nesse sentido, compreendemos que, embora alguns teóricos entendam que o *enunciado* possa ser visto como produto de uma *enunciação* de determinados falantes, ou seja, produto de um processo, estes termos também podem ser compreendidos como equivalentes em determinados contextos, pois por se tratar de termos complexos, embora cada um deles tenha suas especificidades para o Círculo de Bakhtin, não raras vezes são tomados como equivalentes pela própria relação intrínseca que estabelecem. Ambos se reportam ao momento único e irrepetível que constitui o processo de interação, sempre situado e sempre mediado por finalidades específicas.

Em cada contexto, o indivíduo, enquanto locutor, faz uso da língua conforme sua necessidade enunciativa concreta, considerando a significação que a palavra adquire neste contexto, atentando ao seu valor como signo, não como forma linguística. Para Volóchinov (2021[1895-1936]), a língua unicamente como forma linguística estável e sempre igual a si mesmo, na prática viva da língua, não tem relevância, mas sim o caráter flexível e variável da palavra enquanto signo. Trata-se da linguagem transcendendo a materialidade linguística e se concretizando no discurso. O valor linguístico se dá por ser palavra-signo, constituída por indivíduos socialmente organizados. Segundo Volóchinov,

A situação e o auditório forçam o discurso interior a atualizar-se em uma expressão exterior determinada e diretamente inserida no contexto cotidiano não enunciado, que é completado pela ação, ato ou resposta verbal dos outros participantes do enunciado (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 221).

Em outros termos, não é de forma aleatória que a palavra se insere em um contexto não verbalizado da vida corrente, pois há um universo extraverbal que a antecede e que participa de sua constituição, pois ela já possui significados reconhecidos socialmente. Trata-se do já dito sendo ressignificado em uma nova enunciação.

Como exemplo, Brait e Melo (2005, p. 66) apresentam o enunciado monolexemático: *Bem*, em: “*Duas pessoas estão sentadas numa sala. Estão ambas em silêncio. Então, uma delas diz “Bem”. A outra não responde*”. O sentido deste enunciado só pode ser compreendido e analisado, se inserido em um contexto extraverbal, é necessário que se considere a situação de uso, pois, a avaliação do enunciador nela se manifesta: “um tempo ruim que se prolonga – e uma simples palavra, enunciada num tom apropriado”, enquanto o interlocutor se manifesta por meio do silêncio. Brait e Melo (2005) discorrem que

Considerada a dimensão comunicativa, interativa, avaliativa, a palavra *bem* foi enunciada dentro de condições que a tornam um enunciado. Isso significa que esse enunciado implica muito mais do que aquilo que está incluído dentro dos fatores estritamente linguísticos, o que, vale dizer, solicita um olhar para outros elementos que o constituem (Brait; Melo, 2005, p. 67).

Nesse viés, Brait e Melo (2005, p. 68) nos mostram que, em se tratando dos preceitos bakhtinianos, enunciado, enunciado concreto e enunciação “são noções de tal forma implicadas, entretecidas com situação, contexto, história, que podem abranger desde uma expressão monolexemática como ‘Bem’ até um texto bem mais extenso”.

Rodrigues (2001, p. 19), com base nas concepções do Círculo de Bakhtin, afirma que o enunciado é um evento único e irrepetível dentro da comunicação discursiva e que ele pode ser “somente citado, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento”. Entendemos, nessa perspectiva, que por mais que os elementos linguísticos possam ser reiterados, não só “o enunciado representa um elemento inalienável, singular, pois é uma nova unidade de comunicação discursiva contínua”, como também, representa um elo na complexa cadeia comunicativo-discursiva (Rodrigues, 2001, p. 19).

Rodrigues (2005) explora as características do enunciado, a partir de Bakhtin, proporcionando uma visão mais clara de sua natureza:

Quadro 1 – O enunciado (com base nos preceitos bakhtinianos)

ENUNCIADO	
a) A alternância dos sujeitos do discurso:	Cada enunciado, como unidade, possui um início e um fim absolutos, que o delimitam dos outros enunciados. As fronteiras de cada enunciado se delimitam pela alternância dos sujeitos do discurso, que, numa situação específica, dentro dos seus propósitos discursivos, constituem-se pelo

	ato que o falante concluiu o que objetivara dizer (<i>dixi</i> conclusivo), termina o seu enunciado, para passar a palavra ao outro, para dar lugar a sua compreensão ativa, a sua postura de resposta (verbal ou não, imediata, retardada, silenciosa etc.)
b) A expressividade:	O enunciado é a instância da expressão da posição valorativa do seu autor frente ao objeto do seu discurso e aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados (já ditos, pré-figurados). O momento expressivo está presente em todos os enunciados, pois não pode haver enunciado neutro; a expressividade é uma característica do enunciado, não é uma propriedade da língua (sistema)
c) A conclusividade:	Representa a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado. O interlocutor toma uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro porque percebe o <i>dixi</i> conclusivo do falante “calculado” a partir de três fatores interligados: o tratamento exaustivo do objeto e do sentido (o que pôde ser dito naquela situação), a intencionalidade do falante (projeto discursivo) e os gêneros do discurso

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Rodrigues (2005, p.161).

A leitura dos apontamentos de Rodrigues (2005) sobre enunciado nos permite entender mais claramente características como a alternância dos sujeitos no discurso que se refere à mudança de turno entre os interlocutores como definidora dos limites de cada enunciado. Cada enunciado é uma unidade com início e fim claros, separados dos demais pela alternância dos sujeitos do discurso. Quando o falante conclui sua intenção comunicativa, ele encerra seu enunciado e abre espaço para a resposta ativa do outro; a expressividade que reflete a perspectiva valorativa do autor em relação ao tema e aos demais participantes da comunicação. A expressividade é inerente a todo enunciado, tornando impossível a neutralidade; e a conclusibilidade que, com base, na alternância dos sujeitos discursivos, manifesta-se internamente no enunciado, quando o interlocutor reconhece o momento em que o falante conclui sua ideia.

Assim, fazendo um paralelo com a linguagem (sistema), apontamos que “a oração [...] não se delimita pela alternância dos falantes, não tem contato direto com a realidade [...], nem possui plenitude de sentido e capacidade de determinar diretamente a postura de resposta do interlocutor”, ou melhor, a oração se estabelece apenas nos limites gramaticais (Rodrigues, 2005, p. 161), evidenciando sua contraposição com enunciado.

Com base em Bakhtin (2011[1972]), Rodrigues (2005) reflete que, como unidade da língua, a oração é neutra, pois não há expressividade. A língua dispõe apenas de possibilidades de uso de seus recursos (léxicos, formas pronominais e temporais etc.), no entanto, a expressividade desse uso só se manifesta por meio do enunciado concreto “onde deixam de ser recursos para funcionarem como meios para a comunicação discursiva” (Rodrigues, 2005, p. 162). A oração também “possui conclusividade e unidade gramaticais, mas não possui plenitude de sentido, nem capacidade de determinar diretamente a postura de resposta”, pois, “a oração é o remate de um elemento não a conclusão de uma totalidade discursiva” (Rodrigues, 2005, p. 161). Nessa perspectiva, fica clarificado que *texto + a situação social de interação = enunciado* (Rodrigues, 2005, p. 161).

Concebemos, portanto, que a enunciação é determinada, antes de tudo, pelas condições reais que estiverem em questão, em outras palavras, pela “situação social mais próxima” e, de forma mais ampla, pela situação sócio-histórica (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 204). Além disso, é importante destacar a percepção de variação em relação ao interlocutor a que a palavra é dirigida, pois, o enunciado se orienta em função de seu auditório. Assim, os enunciados se formam a partir do já-dito e dirigem-se a um interlocutor que determina seus limites. Este movimento torna latente a influência que os papéis sociais ocupam na interação social e o quanto são determinantes na condução da interatividade.

Assim, é em uma situação de interação entre indivíduos, socialmente constituídos, que a linguagem se concretiza, por meio de enunciados sempre orientados para um interlocutor. Ligado ao universo interior e reflexivo de cada indivíduo está seu *auditório social*, que é próprio e bem estabelecido, em que reverberam suas deduções, motivações, apreciações etc. Inclusive, Bakhtin afirma que quanto mais aculturado for o indivíduo, mais seu *auditório social* se aproximará do auditório médio ideológico.

[...] o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.) (Volóchinov, 2021 [1895-1936], p. 204 - 205).

Considerando que o interlocutor (real ou idealizado) sempre se faz presente na interação, Bakhtin aponta que a palavra possui duas faces, pois, ao mesmo tempo que decorre de alguém, também se dirige a alguém. Trata-se de “o produto das inter-relações do falante com o ouvinte”, em outros termos, a palavra “é uma ponte que liga o eu ao outro (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 205). Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 205).

Nessa direção, Brait e Melo (2005, p. 71) secciona o interlocutor bakhtiniano (real ou idealizado) em *destinatário concreto* ou *presumido*, este se refere ao interlocutor “não necessariamente presumido pelo autor (embora possa sê-lo), mas que se instala a partir da circulação do enunciado” ou ainda um sobredestinatário (indeterminado e que não considera limites de espaço ou tempo); já aquele se refere, por exemplo, ao interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana.

De acordo com Brait e Melo (2005), em cada campo de atuação há concepções de destinatários que nos ajudam a compreender os enunciados (sua composição e estilo), ou seja, direcionando nosso olhar para traços de autoria e também para o que do extraverbal influencia na constituição do verbal. Não são somente aspectos contributivos na concepção enunciativo-discursiva, não se trata apenas do aspecto verbal, mas sim de “marcas da enunciação de um sujeito, de um lugar histórico e social, de uma posição discursiva, que circula entre discursos e faz circular discursos” (Brait; Melo, 2005, p. 72).

Ademais, Machado (2005, p. 156) relembra a premissa de Bakhtin de que “todo discurso só pode ser pensado [...] como resposta”, ou melhor, a comunicação discursiva é inerentemente ativa, pois, o ouvinte “ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva [...]”, pois ele interage com o que ouve, concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, aplica etc. e isso se dá durante todo o processo de audição, podendo iniciar já ao ouvir a primeira palavra. Segundo Bakhtin, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, 2011[1992], p. 271).

Ademais, o falante também almeja a uma compreensão ativa-responsiva, pois, ao falar, espera reações (concordâncias, objeções, participação etc.). O próprio falante é um respondente, pois ele não é

[...] o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (Bakhtin, 2011[1992], p. 272).

Ademais, o Círculo de Bakhtin considera que, não havendo um interlocutor real, essa posição é ocupada por um representante médio do grupo social ao qual o locutor se dirige ou pertence. Não há, portanto, a possibilidade de um interlocutor abstrato (isolado), pois, na interação, um *horizonte social* sempre será pressuposto e ocupado por um grupo social, do qual um interlocutor representativo médio emerge e norteia seu discurso (Volóchinov, 2021[1895-1936]).

Em relação ao locutor, excetuando o momento fisiológico da materialização da palavra (ato físico), não é o seu possuidor. Mas sim, na materialização da palavra signo, o locutor interage acessando o estoque social de signos disponíveis. Ou seja, na enunciação, o signo se constitui pelas relações sociais e é determinado por elas - “a situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 206)

Toda enunciação é socialmente dirigida. Inclusive, a forma e o estilo da enunciação são delineados pela situação e pelos participantes mais imediatos, além disso, “as camadas mais profundas da sua estrutura são determinadas por ligações sociais mais duradouras e essenciais, das quais o falante participa” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 207). A realidade da língua está na interação verbal, pois

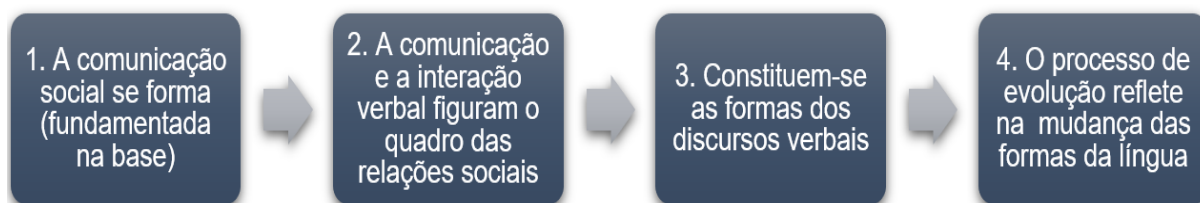
A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 218-219).

Volóchinov (2021[1895-1936], p. 219) então, destaca que toda comunicação verbal é um “diálogo”, no sentido amplo da palavra. Inclusive o discurso escrito que

também é objeto de discussões ativas, pois é “[...] participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante”. Todo enunciado é “apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política)” e constitui um momento de um grupo social determinado (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 219).

Por isso, a inerente característica: língua viva. Como já observado anteriormente, a língua evolui não em um sistema de normas, mas na comunicação verbal real, por meio de enunciados. Volóchinov aponta a ordem real de evolução da língua:

Figura 1 – A evolução real da língua (Volóchinov, 2021[1895-1936])



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Volóchinov (2021[1895-1936], p. 220-221).

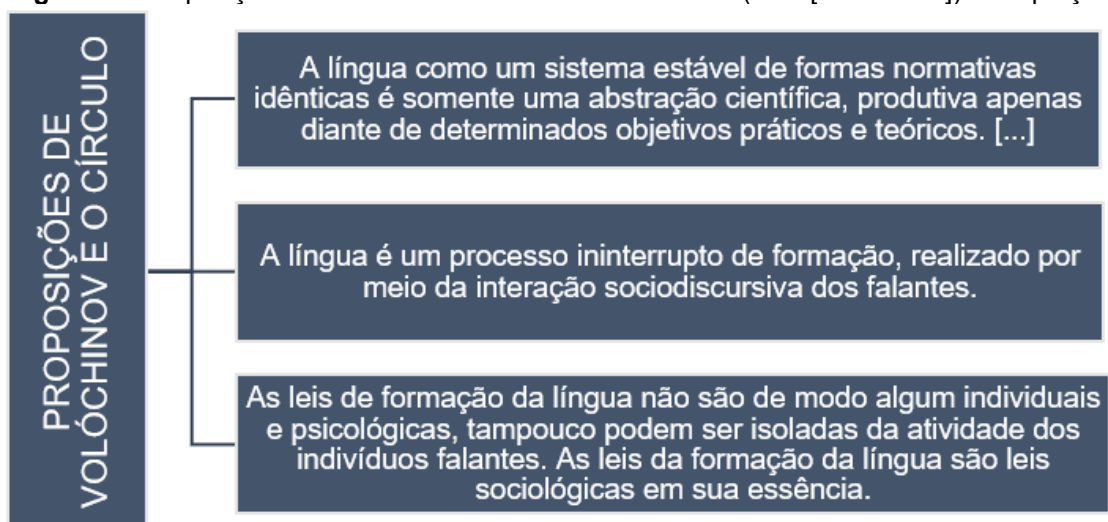
Observamos nas indicações de Volóchinov (2021[1895-1936]) que, em uma extremidade, em primeiro lugar, estão as evoluções sociais e, na outra ponta, está o reflexo na língua quanto forma. Não é o oposto, não são as formas que ditam o social, nem poderia ser, pois seria um movimento não natural. Nisso reside uma das críticas de Volóchinov e o Círculo (2021[1895-1936]), em relação à linguística contemporânea, pois, segundo o Círculo, as análises da linguística contemporânea não ultrapassam a segmentação em constituintes imediatos, enquanto “os enunciados são as unidades reais do fluxo da linguagem” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 221)

É no curso histórico das enunciações que as formas devem ser estudadas, como um todo, pois a enunciação se realiza no curso da comunicação verbal. E o “todo”, para Volóchinov (2021[1895-1936]), se estabelece sem início ou fim, pois a atividade de linguagem (exterior ou interior) é ininterrupta, emergente do discurso interior e determinada pela situação de enunciação e seu auditório. Assim, a realização da linguagem se exterioriza delineada por um contexto não verbalizado composto pela situação de comunicação e pelo auditório social. Nesse processo, a

atividade de linguagem é socialmente dirigida se transformando ou ampliando por uma situação social determinada (Volóchinov, 2021[1895-1936]).

Dentre inúmeras reflexões sobre a linguagem feitas por Volóchinov (2021[1895-1936]), interessa-nos reforçar algumas proposições,

Figura 2 – Proposições de Volóchinov e o Círculo de Bakhtin (2021[1895-1936]) - adaptação



Fonte: Elaborada pela pesquisadora com base em Volóchinov (2021[1895-1936], p. 224) – adaptação.

Dessa forma, podemos visualizar proposições sobre a linguagem feitas por Volóchinov (2021[1895-1936]) que reafirmam a importância de que os estudos linguísticos não se reduzam a abstrações que buscam a estabilidade de uma norma, mas sim um enfoque com base no uso real da língua, linguagem viva, em movimento ininterrupto, realizada na interação verbal, dialógica e puramente social, por meio de enunciados.

Desse complexo emaranhado discursivo, emerge o dialogismo. Fiorin (2008) analisa que, para o Círculo de Bakhtin, o dialogismo não se restringe às interações face a face, mas sim corresponde a todo processo comunicativo, independentemente de sua dimensão. Com base nos pressupostos do Círculo, Fiorin (2008) reitera que

[...] existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (Fiorin, 2008, p. 19).

Entendemos, então, que não há possibilidade de o discurso não ser dialógico, uma vez sendo discurso, nele, transpassam discursos anteriores que também significam no contexto de comunicação. É por meio da linguagem que o real é mediado, e esta mediação se dá linguisticamente (semioticamente), por isso, qualquer objeto do mundo, seja interior ou exterior, é signo “perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós descreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio” (Fiorin, 2008, p. 19).

Assim, por meio de enunciados concretos, as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento. Num modo de vida organizado, “cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*” (Bazerman, 2009, p. 22). São os textos que medeiam a comunicação e “cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social” (Bazerman, 2009, p. 22).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos importantes, sobre o enunciado, devem estar sempre em relevo quando se realiza uma pesquisa com base sociológica. Em vista disso, tecemos algumas considerações acerca do estudo realizado a partir do qual foi possível compreender aspectos singulares que caracterizam o termo enunciado: ele transcende da materialidade linguística, vai além. Está presente em todo ato de interlocução, seja pela palavra escrita, proferida ou pela imagem, ou pelo som, pela cor, ele sempre carrega as marcas do seu enunciador, do momento, do contexto histórico social.

É fato que o sujeito ao interagir faz uso da língua conforme a sua necessidade enunciativa concreta, considerando o contexto que se pode compreender como o momento histórico que permite que algo seja dito, o gênero que permite que aquela necessidade interativa ganhe existência. Assim, pode-se afirmar que o enunciado é um evento único, irrepetível. É a alternância dos sujeitos ao interagirem que delimita o seu início e o seu fim considerando sempre o outro, o interlocutor, o lugar e posição social ocupada, aspectos esses que delimitam todo dizer. Por fim, o enunciado

sempre expressa a opinião valorativa do seu enunciador e constitui-se dentro do horizonte axiológico de seus interlocutores.

Partindo das reflexões interpretativo-analíticas precedentes podemos perceber que todo trabalho que tenha como objeto de estudo, direta ou indiretamente, a comunicação verbal, sob uma perspectiva sociológica, deve considerar o enunciado sob a perspectiva bakhtiniana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992].

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONÍSIO, Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). São Paulo: Cortez, 2009.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.152-183.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2021 [1895-1936].